

REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS DE CRIANÇA E ESTUDANTE

Nos capítulos 3 (**Breve histórico**, p. 26) e 4 (**Uma relação fundamental**, p. 34), observamos como a relação entre escola e famílias se constituiu até chegar a sua configuração atual. Ressaltamos que as duas instituições tinham atribuições bem definidas, demarcadas por suas funções sociais, e que hoje seus papéis se entrelaçam e se confundem, o que gera conflitos justamente pela dificuldade em conciliá-los. Ao refletirmos sobre a formação integral de crianças, adolescentes e jovens, precisamos pensá-los como sujeitos do mundo, como cidadãos que fazem parte de ambas as instâncias e que não podem ser fragmentados. Portanto, nosso desafio é compreender como a escola pode promover o desenvolvimento da formação integral convidando as famílias a participar da Educação de seus filhos e a trabalhar juntas por um objetivo comum.

Em busca do aprimoramento das maneiras de ampliar a participação dos familiares na escola, reunimos algumas reflexões com base em situações cotidianas da gestão escolar, seguidas por conceitos relativos a cada tema e por possibilidades de intervenção. Antes de entrarmos especificamente no tema da Educação Integral e nas estratégias para viabilizá-la, sugerimos a você, diretor, um exercício de reflexão com sua equipe para esclarecer a concepção de aprendizagem em que nos baseamos para fundamentar a argumentação aqui utilizada.

Exercício com sua equipe

A atividade¹ que propomos a seguir permite perceber como é fácil fragmentar o sujeito quando o consideramos apenas estudante ou só criança/adolescente. Conforme veremos, esse é mais um motivo para dialogar com as famílias de maneira a trabalhar em conjunto, contemplando esse principal sujeito como um todo.

1. Chame sua equipe para realizar o exercício e depois socializar a reflexão.
 - a. Distribua duas folhas avulsas para cada participante. Na primeira, solicite que escrevam o que lhes vem à cabeça quando ouvem o termo “estudante” (no máximo cinco palavras). Depois, peça que escondam essa folha. Em seguida, na outra, que escrevam o que lembram quando ouvem o termo “criança” ou “adolescente” (até cinco palavras).
 - b. Compartilhe as palavras que cada um registrou e organize as duas listas em um cartaz: de um lado, as palavras que representam “estudante”; de outro, as que representam “criança” ou “adolescente”. Leia as listas separadamente e solicite que respondam:
 - ▶ Há diferenças entre as palavras das duas listas? Em sua opinião, o que marca essas diferenças?
 - ▶ Por que aparecem essas diferenças nas duas listas? Estudantes não são crianças/adolescentes?
 - ▶ Quem frequenta nossa escola: estudantes ou crianças/adolescentes?
 - ▶ Os espaços da nossa escola estão organizados para acolher estudantes ou crianças/adolescentes?

1. Atividade adaptada de: FUNDAÇÃO Vale. *Formação da equipe da Secretaria de Educação: gestão da Educação*. Caderno bimestral II, s/d. p. 23. Disponível em: <<http://www.fundacaovale.org/Documents/CadSecretaria-gestao-educacao-caderno-bimestral-ii.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

- ▶ As políticas educacionais e as condições asseguradas pela Secretaria de Educação consideram que estudantes são crianças/adolescentes?
- ▶ Como gestor, seu papel é assegurar as condições para ensinar e educar estudantes ou crianças/adolescentes?

É provável que as listas apresentem diferenças. As palavras que representam “criança” ou “adolescente” podem ter relação com afeto, direitos e atividades normais da infância ou adolescência, como correr e brincar e questionar e discutir. Já as palavras que representam “estudante” podem estar relacionadas a rigidez, disciplina e deveres escolares. As listas revelam as concepções de estudante e criança/adolescente e permitem refletir sobre quanto a cultura escolar acaba desconsiderando o estudante conforme sua faixa etária.

2. Para complementar a reflexão, leia com os integrantes de sua equipe o texto do boxe **Ensinamos estudantes ou crianças/adolescentes?** (p. 45), que ajudará a compreender por que fazemos distinção entre estudante e criança/adolescente na cultura escolar no mundo contemporâneo.

ENSINAMOS ESTUDANTES OU CRIANÇAS/ADOLESCENTES?¹

Parece uma pergunta estranha, mas vamos analisá-la voltando ao passado. Ao longo da maior parte da história do Ocidente, a infância correspondia a um breve período da vida restrito aos anos em que ainda não se conseguia falar ou andar com as próprias pernas. Na Antiguidade clássica e na Europa medieval, um ser humano de 9 ou 10 anos já era tratado como um pequeno adulto, capaz de assumir compromissos como o casamento ou enfrentar inimigos durante a guerra. A escola consistia em um espaço frequentado por meninos de todas as idades por pouco tempo. A Educação era um meio de transmitir a cultura e os hábitos, sem pretensão de formar o indivíduo para o convívio em sociedade.

Foram os jesuítas, entre o fim do século 17 e o início do 18, que introduziram a ideia da infância como um período demarcado da vida que requer orientação moral e conhecimentos enciclopédicos. O tempo atribuído à infância e à adolescência se tornou, então, na Idade Moderna, aquele em que se está na escola, recebendo os conteúdos éticos e científicos considerados necessários para ingressar na vida adulta e profissional. Com essa nova concepção, surgiu, também, a disciplina escolar, ou seja, o conceito de que os adolescentes, despreparados para a vida prática e com personalidade em formação, precisam ser constantemente observados e protegidos. Com esse pretexto, a escola passou a ocupar mais e mais horas, dias e anos na vida dos estudantes, estendendo o tempo anterior à vida adulta. A lógica da disciplina escolar clássica dita que, ao entrar na sala de aula, o indivíduo é considerado estudante e precisa cumprir regras, ser supervisionado e permanecer quieto para absorver o saber transmitido pelos mestres. A liberdade para se expressar e brincar fica do lado de fora da porta. Ao longo do tempo, essa ideia fez com que muitos educadores esquecessem que estudante e criança/adolescente são a mesma pessoa.

Na atualidade, à luz das teorias contemporâneas da pedagogia e da psicologia, não há mais espaço para separar estudante de criança/adolescente. Dentro da escola devem-se cumprir regras e deveres e respeitar limites, que fazem parte do processo educacional e de convivência. No entanto, nem por isso o estudante deixa de ser criança/adolescente e perde o direito de desfrutar a vida plenamente, brincando, expressando-se, interagindo, convivendo e contribuindo de maneira ativa para a própria aprendizagem, em um espaço digno.

Ter em mente que todo estudante é uma criança ou um adolescente com uma história pessoal, desejos, sentimentos e sonhos, que precisam ser considerados no processo de ensino, é fundamental para o gestor escolar e para o educador em sala de aula. O direito à Educação só pode ser completamente efetivado se esse indivíduo for visualizado em toda a sua plenitude e tiver suas necessidades contempladas.

1. Adaptado de: COMUNIDADE Educativa CEDAC. Ensinamos alunos ou crianças? In: FUNDAÇÃO Vale, op. cit., p. 24.